



PSICANÁLISE

Anne Lise Di Moisé S. Silveira Scappaticci

Psicanálise

Uma atividade autobiográfica

Blucher

PSICANÁLISE

Uma atividade autobiográfica

Anne Lise Di Moisé S. Silveira Scappaticci

Psicanálise: uma atividade autobiográfica
© 2023 Anne Lise Di Moisé S. Silveira Scappaticci
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenação editorial Jonas Eliakim
Produção editorial Kedma Marques
Preparação de texto Mireille Bellelis
Diagramação Thaís Pereira
Preparação de texto Bárbara Waida
Revisão de texto Samira Panini
Capa Laércio Flenic
Imagem da capa Sleeping beauty (3/25), Meg Harris Williams

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Scappaticci, Anne Lise Di Moisé S. Silveira
Psicanálise: uma atividade autobiográfica/
Anne Lise Di Moisé S. Silveira Scappaticci. –
São Paulo: Blucher, 2023.

182 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-339-4

1. 1. Psicanálise 2. Psicanalistas -Autobiografias
I. Título

22-7458

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	19
Parte I. Vivendo a experiência emocional da psicanálise	
1. Vínculos e a odisseia do indivíduo no grupo	31
2. Agruras na busca da experiência emocional da análise de uma criança	43
3. Das nuvens e dos relógios: uma reflexão pessoal acerca do método psicanalítico	63
4. <i>The nebulous domain</i> : dos fantasmas à psicanálise, eis a nossa questão!	89
5. Notas sobre o objeto psicanalítico na obra de Wilfred Bion	101
Parte II. Autobiografia do psicanalista: vida e obra entrelaçadas	
6. <i>Taming</i> : transitoriedade entre si mesmo e o grupo	117
7. <i>M'illumino d'immenso</i> : ficções e narrativas da autobiografia	135
8. Autobiografia e poética	155
Referências e indicações de leitura	169

1. Vínculos e a odisseia do indivíduo no grupo

A meu pai

A convite do prof. dr. Carmine Saccu, analista sistêmico, estudioso de grupo, neuropsiquiatra, psicanalista e terapeuta familiar, este texto foi escrito para uma palestra proferida na Itália com o dr. Claudio Neri, psicanalista que organizou os seminários italianos de Wilfred Bion, no final dos anos 1970.

Neste texto, tenho o objetivo de descrever a odisseia do infante em busca de si mesmo, na turbulência entre os laços com seu grupo e consigo mesmo. Muito foi discutido na obra de Bion a respeito dos vínculos emocionais, que funcionam como um amálgama para o pensamento, configurando a ligação entre continente e contido. Sem emoção não há conhecimento e, portanto, amor, ódio e inveja são fatores que subjazem ao vínculo do conhecimento. O vínculo de fé surge em *Atenção e interpretação* (1970), é o vínculo da manutenção da esperança na falta de elementos sensoriais que possam nos trazer contato com o psíquico. Os vínculos emocionais que subjazem à união do indivíduo com seu grupo (interno e externo)

aparecem mais explicitamente no início e no final da obra de Bion. Em *Experiência em grupos* (1961) e na trilogia *Memórias do futuro* (1975, 1977b e 1979a), o autor apresenta a mente primordial. Pretendo trazer à tona esses vínculos primordiais entre o indivíduo e seu grupo. Para tal propósito, escrevo de maneira autobiográfica minha própria odisseia de formação para narrar o périplo de todo analista. Mitos como modelos do funcionamento da relação entre indivíduo e grupo são utilizados para alcançar o leitor.

Nos anos 1990, quando tinha 20 e poucos anos, eu morava em Roma. Lá eu fazia a formação na Clínica Tavistock e na Escola Romana de Terapia Familiar. Logo me dei conta do quanto a formação e o convívio em grupo funcionam como na tragédia grega – trazem luz à encruzilhada de Tebas, a decisão do herói é escolher entre repetir o trágico ou seguir pelo épico, luta e dor –, constituindo-se um lutador por responsabilizar-se por si mesmo (Scappaticci, 2021). O grupo é um potente catalizador de vivências muito profundas e precoces que, sem palavras, numa hipérbole ganham voz própria, uma espécie de diapasão, de câmara acústica; são vivências a que dificilmente temos acesso individualmente. Qual o pressuposto básico que determinado grupo evoca e te convida a entrar? Ou vice-versa, qual o pressuposto que tua personalidade tende a entrar? É possível notar em mim mesmo certo padrão? A esse propósito, sempre acho interessante a expressão “tomei” um grupo, empregada por Bion ao atender um grupo. A filiação ao grupo parece suscitar vivências de fenômenos protomentais, uma matriz em que o físico e o mental, ou o psicológico, são indiferenciados, em que as três suposições básicas, dependência, ataque-fuga e acasalamento, são uma contrapartida mental e podem ser investigadas se houver colaboração:

É quase como se os seres humanos se achassem cientes das dolorosas e amiúde fatais consequências de terem de

agir sem um domínio apropriado da realidade, e assim, dessem-se conta da necessidade da verdade como critério para avaliação de suas descobertas (Bion, 1961, p. 90).

Retornando à minha história, naquela época, eu atendia um menino que sofria de autismo e frequentava uma escola maternal quando, certa tarde, o encontrei em meu bairro; seu rosto iluminou-se e ele me disse: “Annalisa, ho visto una O!” (eu vi um O). Por mais que seu pai me explicasse que o O era um logotipo qualquer colado nos muros pelas ruas do quarteirão, eu me questionava com fé diante daquele seu olhar vitalizado se, ao me ver ali, de repente, alguma coisa não tivesse sido despertada nele.¹ Um “oh!” como uma saudação à sua existência, talvez diante de um olhar atento ou do despertar de algo adormecido naquele encontro. Enquanto os pais e os médicos ressaltavam a importância de encontrar conforto num diagnóstico, numa justificativa orgânica e na aparente materialidade de seus sintomas, eu apostei em algo talvez visível somente nas entrelinhas: um contato direto alma a alma?

Naquele tempo, eu lia *Two papers: The Grid and Caesura* (Bion, 1989/1977). O curso de terapia familiar com Carmine Saccu se baseava não apenas em teorias, mas sobretudo no *self* do terapeuta *na* transferência, e não *da* transferência. No curso, dizia que as crianças autistas são como os sumos sacerdotes da sociedade maia. Encontram-se no topo da pirâmide e possuem como se fosse uma linha direta com Deus. Veem coisas que os outros não veem, fazem gestos sem sentido relacional, borboleteando com suas mãos; seriam eles místicos incompreendidos por seu grupo, pelo senso comum? Seriam os demiurgos dos filósofos, a fusão do divino com o mundo

1 Faço uma alusão às *transformações em O*, propostas por Bion (1965) em seu livro *Transformações*, quando mostra que é possível aproximar-se do psiquismo entrando em contato diretamente pelo ser, uma outra via de acesso ao psiquismo que não seria intermediada pelo contato sensorial.

material, o transcendental e o imanente, o Diabo e o bom Deus de Sartre, ou a razão pura e a razão prática kantianas?

Ao relatar o acontecido com o menino, Carmine me indagou: “o que seria um O?”. Respondi: “Ainda não sei”. O para mim estava/está ainda envolto num mistério, uma parte incompreendida na obra de Bion e em mim mesma. O ser, uma essência? Algo que buscamos pelo resto de nossas vidas e nunca saberemos... Como resultado de tudo isso, ao voltar para o Brasil, após quase sete anos, dei o livro de presente a Carmine.

De algum modo aqueles anos nunca me deixaram. Salientaram o ser público do analista, a necessidade de publicação no grupo interno e externo para o meu próprio desenvolvimento, para sermos quem somos.

Bion, ampliando a visão de Freud, preconiza que o ser humano é um ser gregário por natureza (Torres, 2013) e deve permanecer na tensão contínua da atração entre dois polos constitutivos, narcisismo e social-ismo. O grupo é “interno” e “externo” ao mesmo tempo (ponho aspas pela impossibilidade, *a priori*, de separar realidade interior e exterior), a mente é grupal. Existe perenemente um diálogo interior entre o místico e seu grupo, da parte *nonsense* da personalidade com o senso comum, entre a turbulência disruptiva e fragmentada do *self* e o *establishment*. Melanie Klein descrevia esse movimento na oscilação PS/D, no alternar-se de estados esquizoparanoides e depressivos entre os quais Bion põe uma dupla flecha para dizer que estamos sempre oscilando, como um barco no meio da maré. Bion postula a realização da preconcepção do humano num modelo espectral da tensão entre os dois polos, narcisismo e social-ismo. Ou seja, a constatação de que o ingressar no grupo é fundamental, mas só – única e exclusivamente – se acompanhados por nós mesmos, em parceria com nosso próprio grupo interno.

Além de ser entendido num contexto espectral – e não de conflito a ser resolvido –, como uma tensão entre o indivíduo e o grupo, como parte do ser humano, o objeto psíquico para Bion é complexo, não é histórico, causa-efeito, linear, mas deve ser visto por múltiplos vértices, como uma pintura cubista. Além disso, o modelo de mente é um sistema aberto. Não é explicativo tampouco teorético, como alguém que tem uma hipótese em mente e tende a verificá-la, comprová-la empiricamente, ou como se o terapeuta fosse um guru imbuído de poderes para revelar o conteúdo latente e torná-lo manifesto, mas algo próximo à indeterminação da física quântica. É o estar aberto para a surpresa do desconhecido, para o incognoscível. Algo que é construção de um momento, como um pensamento à procura de um pensador (Pirandello, 1921).

O que é conhecido não é tão importante, a menos que seja para saber que devo, com base nele, fazer meu próprio percurso. O que interessa é o desconhecido. O pensamento novo quase sempre é causa de hostilidade.

Nos seminários na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) sobre o livro *The long week-end* (1982), a autobiografia de Bion, nos últimos onze anos, apresento a atividade do analista como autobiográfica, o analista implicado completamente. É uma atividade autobiográfica para a dupla.

Sabemos que os analistas são descritos desde o início da psicanálise por Anna O. como *chimney sweepers*, limpadores de chaminés, arqueólogos, escavadores e profanadores de cemitérios, iluminando o surgimento de pensamentos novos ou não nascidos. Estes últimos, porém, podem morrer se não conseguirem despontar. Ser ou não ser, eis a questão:

*Será mais nobre suportar na mente
As flechadas da trágica fortuna,
Ou tomar armas contra um mar de escolhos
E, enfrentando-os, vencer?
(Shakespeare, 1603/2008, ato 3, cena 1).*

Entrar em contato com o psiquismo é viver o terror frente à angústia de catástrofe de um ritmo único, um palpitar de si mesmo, não se transformar em ritmo poético.

Bion, impactado por suas experiências de guerra, busca a matriz humana no grupo e não apenas nos indivíduos que vão constituir-lo. Na guerra interna não há baixas. É necessária coragem para funcionar como em um “grupo sem líder” – proposta que faz aos analistas quando atendia grupos na Tavistock. Ou seja, conseguir permanecer em estados esquizoparanoides, não integrados, sentir e sofrer o medo, à espera de uma nova ideia, e, contudo, não enlouquecer na tentativa de participar de um grupo acompanhado por si mesmo (atingir uma condição de “social-ismo”, como ele mesmo denomina).

Logo depois, após a desmobilização, em Oxford, reescreve seu diário perdido durante a guerra, *War Memoirs* (1997b), com pormenores detalhados de forma quase obsessiva. Parece impossível sonhar diante de tanto desespero, a memória sensorial é uma espécie de recurso, um continente muscular, um exoesqueleto. Quando o autor retoma o tema no final de sua vida, na escrita poética de *The long week-end*, o mundo interno e sua turbulência tornam-se pictogramas, é possível sonhar, sobreviver, viver. O relato é como contar um sonho, a realidade psíquica pode ser resgatada pelo recurso poético: lembra-se da passagem de *Henrique V*, de Shakespeare (1590/2005), na qual, reconhecendo a dificuldade de transmitir a Guerra dos Cem Anos, algo épico e multidimensional, num pequeno palco, o Coro evoca a Musa... E pede aos expectadores que utilizem sua

imaginação (conjecturas imaginativas) para suprir as deficiências de ordem material na transmissão do imaterial.

Campo de Agincourt, 25 de outubro de 1415, em um mundo que Shakespeare descreveu como o “real”, mas apenas bastante semelhante a ele mesmo. Cerca de 8 mil ingleses, esfarrapados, desmoralizados e despedaçados pela disenteria, salvaram, em tempo recorde, os 150 quilômetros que separam esse lugar de Harfleur, uma praça rendida após um cerco exaustivo que durou semanas.

Na peça *Henrique V*, um rei confuso e desorientado se mistura incógnito com suas tropas na véspera da batalha e sofre amargamente contemplando a desolação de seus homens. Porém, após árduo combate consigo mesmo, encontra a força interior que lhe permitirá enfrentar o momento supremo com a coragem e a dedicação necessárias para atacar um inimigo superior. Será essa força que conseguirá transmitir aos seus homens numa fala imortal, que vale a pena percorrer entre a calma e a excitação. O discurso de São Crispim. Uma publicação do indivíduo em busca de comunhão com seu grupo.

Em sua vida e sua obra, o interesse de Bion por grupos é sempre presente. Sua filha, Parthenope, relata que, vasculhando sua biblioteca, descobre uma parte dedicada aos poetas que influenciaram seu estilo com sua linguagem sonora e sensual – como Virgílio, Proust, Milton, Keats, Joyce, Hopkins etc., além de obras teatrais, matemáticas e livros sobre guerra, tema de seu interesse. Isso demonstra uma leitura disparatada e uma enorme facilidade em agrupar essas experiências que também se fazem presentes numa sessão de análise, em que, para Bion, as configurações grupais em supostos básicos comparecem no interior da relação psicanalítica com projeções do mundo interno do paciente, o duplo do grupo interno.

O fato de ter nascido na Índia o influenciou muito. Em sua obra, ele cita o *Baghavad Gita*,² mencionando um trecho de uma batalha na qual há um debate entre o guerreiro Arjuna e Krishna. Arjuna atira suas armas no chão e diz que não lutará (diante do inimigo que incluía muitos de seus amigos e pessoas de sua família), mas Krishna o aconselha a enfrentar a luta. Como no monólogo de Hamlet: “Ou pegar em armas contra um mar de angústia – E, combatendo-o dar-lhes fim?” (Shakespeare, 1603/2008, ato 3, cena 1).

Bion fez parte das equipes de polo aquático e rúgbi na escola, foi capitão de tanques na Primeira Guerra Mundial e trabalhou na Segunda Guerra como psiquiatra. Começou sua carreira com grupos na Clínica Tavistock e escreveu vários trabalhos sobre grupos, reunidos no livro *Experiências em grupos e outros trabalhos* (1961). Nele é demonstrado como o grupo de trabalho é constantemente perturbado por influências oriundas de outros fenômenos mentais de grupo e como é difícil e complexo os indivíduos se relacionarem uns com os outros – e não, por exemplo, apenas com seu líder, que pode tratar-se de uma ideia fixa e preconcebida, ou ainda uma teoria, por exemplo, que impede a pessoa de abrir-se para a realidade. Escreve: “o indivíduo é um animal de grupo, em guerra não apenas com o grupo, mas também consigo próprio, por ser um animal de grupo, e com aqueles aspectos de sua personalidade que constituem sua grupalidade” (Bion, 1961, p. 120).

O círculo se fecha quando, ao final da vida, Bion dá vários seminários, escreve *Memórias do futuro* (1975-1979) e suas autobiografias. Rosemary, uma de suas personagens, perguntou se a beleza poderia ajudar na infância balbuciante da mente diante da turbulência do grupo de personagens internos (Bion, 1975).

2 A Batalha de Kurukshetra, ocorrida há mais de 5 mil anos, faz alusão a uma batalha que acontece dentro de nós diariamente.

Nesses últimos anos, dedicou-se às expressões da mente primordial, ou seja, à união da mente pré-natal e pós-natal, algo circular, um retorno àquilo que se é desde o início da vida. Portanto, o interesse pela mente grupal e os pressupostos básicos estão presentes nas manifestações da mente primordial e na sua indiscriminação somato-psicótica, como um fio condutor de seu pensamento.

No livro *Two papers: The Grid and Caesura* (1977/1989), observei a tentativa de domar, classificar e, ao mesmo tempo, dar continuidade aos pensamentos. Foi uma experiência de impacto e intuí, ali, uma grande abertura. Nele, o autor preconiza que o analista deveria investir em sua instrumentalização pessoal, sobretudo em mitos e histórias, e traz os mitos como modelo do psíquico, alegorias, e não simplesmente teorias que, embora necessárias, são afirmações que podemos utilizar para nos afastar da experiência vivida. Mitos como modelos são formulações verbais de imagens visuais, pictogramas que, pela voz do poeta, tratam da narrativa do herói, da travessia do infante, cujo norte é a luz seguindo sua musa inspiradora, algo original em si. O real e o imaginário se encontram.

Os mitos como modelos, nesse sentido, são mais flexíveis do que teorias, menos abstratos, nos remetem a imagens visuais, saem de uma situação de causalidade ou de entendimento. São “sistemas abertos” ou, como diria Kant, narrativas que têm como finalidade unir nossa intuição aos conceitos e, assim, iluminá-la pela imaginação.

Bion (1977/1989) enumera, nesse livro, cinco histórias que constituem uma galeria de imagens verbais; são modelos para quase todos os aspectos de situações emocionais que ele pôde observar.

O primeiro mito que salienta é o Édipo, que continua sendo de importância central para a psicanálise. Contudo, aqui ele expande a questão freudiana. Além da sexualidade entendida de maneira mais ampla, o Édipo é a busca de si mesmo, é a decisão entre escolher

o destino trágico e repetir o passado, o carma transgeracional, ou optar pelo épico, correr o risco abrindo-se para o desconhecido.

Assim, Édipo se repete como alguém que muitas vezes deixa de ver as evidências por sua arrogância (*hybris*). O embate do herói reside entre arrogância, estupidez e curiosidade, como se intitula o artigo de Bion, “Sobre arrogância” (1957/1994b). A encruzilhada de Tebas consiste na nossa decisão cotidiana entre enfrentar as frustrações impostas pela realidade (realidade psíquica) ou fugir, enlouquecer, esvair-se.³ Ser ou não ser, existir ou “des-existir”, eis a questão. O Édipo é a história do infante em busca de sua origem – no sentido de algo original dele mesmo –, de realizar seus talentos, desde o início de sua humanidade. Como Odisseu, mito pré-edípico, cada um de nós está fadado a percorrer esse mesmo caminho e, a cada performance, a cada publicação (como na tragédia), compomos, temos uma oportunidade de recriação de nós mesmos de forma diferente. E, em certo sentido, nos identificamos com Eurípides, Homero, Virgílio, Sófocles, Freud, Bion, até nos tornarmos autores míticos e escrevermos nossa própria história. Nossa autobiografia.

O segundo mito escolhido por Bion é o do Cemitério Real de Ur, cidade de Abraão, onde, em aproximadamente 3.500 a.C., a rainha e seus súditos, sob o efeito de um narcótico, foram enterrados com seus tesouros e joias. O lugar era considerado sagrado, mágico, portanto, temido e inviolável. Sabemos que o lixo da cidade diz tudo sobre ela: o que era produzido e descartado, seus costumes. Os arqueólogos, ao escavar, encontraram numa nova camada de lixo a tumba e imaginaram que o rei teria enlouquecido pela morte da esposa e mandado jogar a rainha e seus súditos no lixo. Essa é uma versão recorrente de muitos mitos e histórias, como a de Antígona.

3 Bion repete várias vezes esse dilema em sua obra: modificar a realidade ou fugir, ou seja, entre sofrer os sentimentos para poder pensar ou se esvair. A realidade refere-se à realidade psíquica ou o modo de viver a vida.

O terceiro mito, de cerca de 500 anos depois, é sobre um tipo diferente de procissão que passou a frequentar o lugar, os saqueadores. Bion compara os saqueadores de tumbas com os pioneiros da ciência e os psicanalistas.

O quarto mito é o da Torre de Babel e o quinto é o da árvore do conhecimento ou jardim do Éden. Às cinco histórias, ele acrescenta a morte de Palinuro, em *Eneida* (Virgílio, 19 a.C./2016). Aqui, Eneias assiste à distância ao naufrágio de Palinuro e sua frota. Palinuro é interpelado pelo deus Somnus (*Hypnos* em latim), transformado em Forbas (*Forbante*), que tenta seduzi-lo, acentuando que o mar estava calmo e era momento de dormir. Palinuro arrogantemente nega sua ajuda para conduzir o barco e amarra-se ao timão. Mas deus sacode em suas pálpebras o orvalho do esquecimento de Letes, soporífero com o poder de Styx que faz o timoneiro dormir desamparado. Em seguida, o atira no mar, quebrando o timão e parte da proa. Pouco depois, Eneias acorda e se dá conta que seu navio estava à deriva e seu timoneiro tinha sumido no mar. Ele toma o timão e seu coração dói por causa do trágico destino do amigo: “Por que confiaste na bela aparência do mar, Palinuro? Em terra ignota terás de jazer, insepulto e sem nome” (p. 29).

É assim que permanece subjacente a dimensão grupal da mente da qual o indivíduo deve constantemente ocupar-se e cuidar para que possa ingressar no próprio grupo, não de modo ingênuo, mas em companhia de si mesmo... Laços com si, com nós, ποιησις (*poiesis*).



Anne Lise nos envolve em conversa tocante com vozes próprias entre heranças inspiradoras. Evoca-se o clima de encontro na clínica e conjecturas implicadas, prazer estético e intimidade em plena experiência de produzir linguagem. A natureza autobiográfica presente na psicanálise entrelaça vida e obra, de Bion e da própria autora, em preciosas passagens desde crianças, trazendo o vigor do aprendizado infantil. O que caracteriza o objeto psicanalítico? Qual é a linguagem da experiência emocional? Como combinar a poesia em aberto do inacessível com os “apertos” emergentes no cotidiano da clínica? Como traduzir e publicar a experiência singular? Como transitar entre conhecer e ser? Como tocar o silêncio a partir das palavras? Como se dão as captações de registros em turbulência, não integrados pela mente simbólica? Tais questões, irreduzíveis a respostas absolutas, abrem terreno fértil para o pensar em associação com nossas próprias experiências emocionais: banquete poético a compartilhar!

Mariângela Mendes de Almeida
SBPSP, UNIFESP

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-339-4



9 786555 106339 4



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Psicanálise

Uma atividade autobiográfica

Anne Lise Di Moisé S. Silveira Scappaticci

ISBN: 9786555063394

Páginas: 180

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
